

## 10) A necessidade

*Necessitas* é uma palavra derivada de *necesse*, que, ao que parece, é composto do prefixo negativo *ne* – e do verbo *cedere*, que significa "ceder, recuar". A necessidade é, portanto, uma realidade ou uma situação diante da qual não é possível sair, que não se pode evitar, diante da qual não se pode fugir.

A necessidade é, portanto, a realidade enquanto tal, a realidade de nossa condição humana e terrena que não podemos escapar, a menos que não se viva no sonho, na ilusão. Na mitologia grega e romana, *Ananké*, a *Necessitas*, era a divindade que personificava o destino, a necessidade inalterável, a fatalidade, portanto, uma dimensão da vida humana que tem um aspecto terrível, porque não se pode dominá-la, conhecê-la, e é esta que dificulta e ameaça a vida e alegria dos homens.

O Cristianismo não tira nada ao drama da necessidade do real na vida humana, mas permite ver a realidade necessária como expressão e vontade de um Deus amoroso e criador. A realidade não é o mar tempestuoso, no qual, o homem é jogado como um minúsculo barco, mas o imenso sinal da providência do Pai, com o qual, o homem entra em contato e diálogo com este próprio Deus e Pai. A circunstância necessária, inevitável, torna-se o lugar onde podemos responder à vontade de Deus, tornar-se responsáveis perante o Pai.

A este respeito, a atitude de Jesus no barco, em meio ao mar em tempestade é significativo: "Subiu ele a uma barca com seus discípulos. De repente, desencadeou-se sobre o mar uma tempestade tão grande, que as ondas cobriam a barca. Ele, no entanto, dormia. Os discípulos chegaram-se a ele e o acordaram, dizendo: 'Senhor, salva-nos, nós perecemos!' E Jesus perguntou: 'Por que este medo, gente de pouca fé?' Então, levantando-se, deu ordens aos ventos e ao mar, e fez-se uma grande calma. Admirados, diziam: 'Quem é este homem a quem até os ventos e o mar obedecem?'" (Mt 8,23-27).

Jesus dorme como uma criança nos braços de sua mãe. Os discípulos, ao invés, estão com medo e gritam: se sentem à mercê de um destino de morte, que não podem controlar. A necessidade desta circunstância, como realidade diante da qual não podem escapar, é para eles, como uma tortura. Jesus os admoesta, então, à confiança, à fé, e o faz, mostrando que domina perfeitamente esta realidade terrível e ameaçadora.

Atenção, porém: Jesus não repreende seus discípulos por não serem capazes de dominar um mar agitado. Os repreende por não crerem que Ele pode e sabe dominar tudo. Ainda não acreditam que Ele é Deus, e que a necessidade não é uma realidade diante Dele ou em competição com Ele, mas uma realidade em suas mãos.

Os discípulos de Jesus devem aprender que é Cristo que põe fim ao influxo dominante da necessidade sobre a vida dos homens. Sem Cristo, a necessidade é uma divindade temível. À luz de Cristo, a necessidade é criação, portanto, expressão do amor de Deus, ou, em todo caso, realidade que Deus pode e sabe sempre dominar.

À luz da revelação judaico-cristã, a necessidade, ao invés de ameaçar e esmagar o homem com a sua inevitabilidade, torna-se espaço de trabalho, torna-se

realidade, com a qual, o homem pode fazer algo, uma realidade, com a qual, o homem pode interagir, para o seu bem e o dos outros.

Cristo nos revela assim que a realidade necessária da existência, não é só e antes tudo, uma consequência e punição do pecado original. Jesus nos dá e nos pede para retornar, por meio da fé e pela graça, à relação com a necessidade que Adão tinha antes do pecado.

Como já fiz notar, o trabalho é uma vocação do homem desde a sua criação. É o trabalho duro que é uma consequência do pecado, mas não o trabalho enquanto tal.

Lemos, de fato, no segundo capítulo do Gênesis: "não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse (...) Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado. O Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer (...). O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo." (Gn 2,5.8-9.15)

O dimensão do trabalho da terra, do trabalho sobre a natureza que Deus criou, é contemporânea a criação do homem. Também a criação da vegetação foi feita apenas em função do homem, que pode trabalhá-la, nutrir-se e admirá-la. O trabalho faz parte do plano que Deus concebeu em criar o homem. Sem o trabalho humano, é como se a terra, a natureza não tivessem sentido. Deus cria para que a criação seja criativa, e esta não é, se não com o trabalho do homem.

Em Cristo, então, é como se a necessidade voltasse ao seu estado paradisíaco, ao trabalho de Adão antes do pecado. É significativo que a necessidade que fala aqui São Bento, seja aquela do trabalho da colheita, que foi, com certeza, o primeiríssimo trabalho que Adão pôde fazer, porque o "Senhor Deus fez brotar da terra toda sorte de árvores, de aspecto agradável, e de frutos bons para comer". Adão só tinha que colher os frutos para alimentár-se com Eva. Cristo nos permite voltar a esta necessidade positiva, mesmo se agora o trabalho, de fato, é duro, enquanto não o era antes do pecado.

Cristo nos permite reconciliar-nos com a necessidade. Esta não é uma dinvidade colérica, nem uma maldição, não é um inconveniente ou um obstáculo ao plano de Deus para nós, mas sim uma possibilidade de voltar a este desígnio e de vivê-lo em colaboração com Deus. O nosso empenho na necessidade do real, torna-se, para nós, uma obra de Deus, uma participação à obra de Deus, como a oração do Ofício, da *Opus Dei*, que realizamos na igreja.

Este tema deve ser retomado, porque o uso do termo *necessitas* é abundante na Regra, e não compete apenas o âmbito do trabalho manual; de fato, a verdadeira *necessitas loci* que encontramos diante, o tempo todo, é aquela do corpo, o nosso e o corpo comunitário, do qual somos chamados a ser membros vivos. O trabalho manual é somente um elemento da vida deste corpo. É necessário que as mãos trabalhem em união com todo o corpo, caso contrário, torna-se terrível e absurdo, como a mão que o rei Baltazar viu escrever sozinha na parede de seu palácio "*mene, tekel, peres*"... (cfr. Dn 5 ).